

ABSTRAÇÃO DA MEMÓRIA: O CASO DO DESABAMENTO DO CLUBE CAIXEIRAL DE RIO GRANDE

GIANNE ZANELLA ATALLAH¹; MARGARETE REGINA FREITAS GONÇALVES²;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES³

¹Doutoranda pelo PPG Memória e Patrimônio/ICH/ UFPEL – E-mail: gizaatallah@gmail.com

²Centro de Artes/UFPEL – E-mail: fernandoigansi@gmail.com

³Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPEL – E-mail: margareterfg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta aqui perfaz um recorte de um estudo comparado entre o *Clube Caixeiral de Rio Grande* e de *Pelotas*, a partir do processo de memória, e aos lugares que remetem como tal: o clube, o salão, os documentos, as pessoas, as imagens. Portanto, enfatizaremos apenas o *Clube Caixeiral de Rio Grande* a partir da análise de um acontecimento registrado e promovido por uma imagem veiculada em jornais e sites, referindo-se ao desabamento de parte do telhado do Clube, no final do mês de Março desse ano, tendo como uma pré-discussão a importância da imagem enquanto mediadora desse espaço no tempo. Para tanto, a referida reflexão encontra lastro nas teorias de Vilém Flusser (2013), bem como aciona conceitos de representação (escrita) e memória (leitura) do fato que estagnou no tempo o acontecimento, mas não o esvaziamento da memória de uma coletividade.

2. METODOLOGIA

A análise desse trabalho partiu da imagem que segue, e que esteve vinculada a um jornal físico e um digital, no qual a imagem não foi captada no dia do acontecimento, mas em data posterior, e em horário oposto ao ocorrido.



Foto: Marcus Maciel - DP Acesso: 1º/04/2014

3. O objeto, o fato e sua Representação

No dia 29 de Março de 2014, já no fim da tarde, desabou o telhado do Prédio do Clube Caixeiral de Rio Grande, situado na Rua Marechal Floriano, na zona central da cidade de Rio Grande/RS.

O Clube Caixeiral de Rio Grande foi fundado no ano de 1895, e o prédio da Rua Marechal Floriano, entre os anos de 1911 e 1912, sendo inaugurado nesse

último. A classe de Caixeiros ao fundar os clubes desejava o fechamento das portas comércio aos domingos e os feriados na parte da tarde (DUARTE, p.04, s/d), além disso, DUARTE (s/d) ressalta que [...] os clubes caixeiros do Rio Grande do Sul fundados na última década do Império, foram incluídos entre as entidades de socorro mútuo. No entanto, é necessário salientar que afora a prestação de socorros, a instrução e a recreação constituíam os objetivos dos clubes (DUARTE, p.03, s/d). Para tanto, estavam alicerçados em uma forma de comunicação interna muito peculiar de cada clube, e em cada cidade.

Enquanto Clube, espaço físico e um dos “lugares de memória” da categoria classista, registrou na linha do tempo social, sua funcionalidade, sua convivência e abrangência que se associavam e dissociavam ao mesmo tempo dos processos a que estavam inseridos, através de uma linguagem simbólica que transcendia o espaço temporal.

A construção da memória não está na mesma linearidade que a vida útil de seu produtor. Enquanto a memória se auto produz através da lembrança daqueles que vivenciaram e daqueles que tomaram conhecimento dessa lembrança, a vida útil do seu produtor não consegue explicitar a extensão dessa memória, pois ela avança um campo de abstração muito acelerado, pois está condicionada a memória daqueles que não a vivenciaram. E isso se reporta claramente ao nosso objeto. Enquanto clube social atravessou o final do século XIX, todo o XX e sucumbiu a modernidade nos anos 2000.

Enquanto espaço e vestígios da memória, desde os anos 2000, remete a um desafio de como entender essa memória. Percebemos que o registro (máquina de escrita), enquanto produtor de texto e imagem (máquinas de leitura), ressignificam o valor dessa memória. Se antes tínhamos modos de fazer, ou seja as sociabilidades dentro do Clube (festas, encontros familiares, encontros administrativos, entre outros) e fora do clube, hoje o valor simbólico agrega-se a uma estrutura distante de sua funcionalidade. Sucumbiu a memória daqueles que não a vivenciaram, mas que tem a intenção de recriar abstratamente através dos “lugares de memória”.

Assim, quando propomos a especulação de uma imagem capturada, não no momento ocorrido do fato, e que tão pouco privilegiou a ação de defesa promovida, ela está substanciada por significados, esses que se mantiveram do passado, e que conflituam-se entre o presente e o futuro, bem como sob a ideia do que pode significar os destroços. Como nos ressalta Flusser, “as imagens são mediações entre o homem e o seu mundo que para ele, se tornou imediatamente inacessível” (FLUSSER, 2013: 142). Quando a imagem torna-se mediadora, acreditamos que o homem não percebeu que está perdendo o controle dos vestígios do espaço no tempo, e que concomitante fortalece uma memória, supostamente perceptível e intocável.

A contemporaneidade traz à tona, outra questão, a valoração da imagem e do texto, a partir da banalização do trato documental enquanto imagem, nesse caso a fotografia, e que segundo Flusser,

O propósito das imagens é dar significado ao mundo, mas elas podem se tornar opacas para eles, encobri-los e até substituí-lo. Podem constituir um universo imaginário que não mais faz mediação entre o homem e o mundo, mas ao contrário, aprisiona o homem. (FLUSSER, 2013: 143)

Assim percebemos o quanto estamos aprisionados, não só na imagem, mas na forma como essa imagem chega até nós, restrita de informações, repetida e com

textos diversos, e muito rápida, ou seja, estar *on line* ou *não* é uma questão de interesse a partir de quem mantém a divulgação da mesma.

A imagem que segue está no *Jornal Diário Popular de 1º de Abril de 2014*, e nossa percepção deixa claro o quanto a memória é frágil, a partir de como a registramos.

Se fizermos um comparativo, a partir das imagens feitas na pré-história, como referencia Flusser, e as imagens atuais, perceberia através dele que:

...as imagens pré-históricas representam o mundo, as imagens pós-históricas representam textos; a imaginação pré-histórica tenta agarrar o mundo, a imaginação pós-histórica tenta ser a ilustração de um texto. (FLUSSER, 2013: 146)

Seguindo a lógica do autor, nesse caso específico, é o texto da própria memória, uma micro memória que busca encontrar no presente o valor do passado, o simbolismo das práticas, dos lugares e das pessoas que ali passaram e perpassam diariamente, agora na sua ausência. Ou seja, aquilo que a câmera capturou é a representação dos vestígios, mas não da memória, enquanto objeto, pois o seu grupo produtor, os classistas caixeiros já se dissociou na temporalidade entre o passado e presente.

Quanto à imagem, esta representa muito mais do que simplesmente aquilo que capturou, pelo fato do fotógrafo ter um interesse no ato, completamente distanciado de uma releitura de um “lugar de memória”. De acordo com as ideias de Flusser, toda a imagem (cena) parte de uma linha (texto), *ela “explica” a cena na medida em que enumera clara e distintivamente cada símbolo isolado. Por isso a linha (o “texto”) significa não a circunstância diretamente, mas a cena da imagem, que, por sua vez, significa a “circunstância concreta”* (FLUSSER, 2013). O sentimento de abandono está implícito na foto, mas quando falamos de “abandono”, precisamos entender que o começo da linha e imagem, como nos fala Flusser, estamos nós, somos os responsáveis pela existência e manutenção desse processo.

A imagem de um prédio pomposo que representava o seu tempo, e parte de um grupo da sociedade, permanece com essa mesma representatividade diluída no próprio espaço temporal, pois não tem mais a sua presença de um grupo na sua totalidade nem tão pouco, os vestígios que sustentam essa memória.

Ao percebermos essa imagem, que foi reproduzida, apontamos alguns pressupostos:

1. Reproduzir a mesma imagem, como forma de comunicar somente o fato; cria na sociedade ou estimula-a entender o seu comprometimento com o passado?
2. A reprodução, além de comunicar o fato, estimula a comunidade a repensar o seu papel enquanto sujeito de seu próprio patrimônio?
3. A conjunção da imagem, e das mídias que produzem uma mensagem, acabam por tornar-se anti-códigos da memória, pois a significação da memória individual ou coletiva está no abstrato que seria seus próprios subterfúgios?

Essa relação memória-história está no processo de identidade de um grupo, e que precisa ser revisto quanto ao seu entendimento, pois quando FLUSSER ressalta que *“com a invenção da escrita começa a história, não porque a escrita grava os processos, mas porque ela transforma as cenas em processos: ela produz a consciência histórica”* (FLUSSER, 2013). Essa consciência que se define a partir de uma “estrutura social” vista como forma ou organização, mas que ainda não tem um consenso sobre a medida dessa forma, o que segundo BOURDIEU (2005)

manifestam propriedades que resultam de sua dependência relativamente à totalidade.

Quando percebemos que a imagem é uma mediadora entre o presente e o passado, contrapomos o que André Parente nos coloca, registrando:

Vivemos num mundo onde tudo circula. Tudo deve circular o mais rapidamente possível: os veículos, os enunciados, as imagens, as informações, os homens. No entanto, tudo parece estar no lugar, todas as diferenças se anulam, tudo se tornou intermutável. Os homens fazem viagens imóveis, como se eles mudassem de lugar para evitar uma mudança de “clima” (PARENTE, 2011:17).

Essa circulação do qual falamos da imagem, remete muito mais a percepção da informação do que aos vestígios propriamente ditos, ou seja, a fotografia veiculada talvez não esteja mais disponível na rede <http://www.clicsul.net/portal/sul-telhado-do-clube-caixeiral-de-rio-grande-desabou-neste-sabado-29/>, mas o prédio continua desintegrando-se no mesmo local. A imagem que restou, certamente, serve como captura de um espaço no tempo, um momento que não se repetirá mais. Torna-se assim um processo de memória não vivenciado, mas vivido todos os dias pela abstração de sentido.

4. CONCLUSÕES

Podemos previamente concluir que as mídias criam subterfúgios que não interrogam o cerne de importância do fato, e nesse caso, da imagem. As leituras dos fatos, não raras às vezes, são resultados do imediatismo, onde a insistência pelo descompasso dos conceitos aos quais está agregada a existência do que se retrata em uma imagem, sugere descaminhos, ou seja, o fato do desabamento dirige-se muito mais a comunidade de um modo geral, do que aos órgãos competentes, ou entenda-se que cada grupo expressa a sua vontade e permissão para atuar, mas isso não deve estar dissociado do restante do processo de identidade de um grupo. Cabe aqui demonstrar que ao desenvolvermos esse trabalho, construiu-se um desafio, *que é entender como as mídias que tem uma vida tão acelerada, tratarão da releitura e entendimento do passado e da memória?*

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Organização e seleção Sergio Micelli. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- DUARTE, Paulo César Borges. **A Fundação e os objetivos dos Clubes Caixeirais no RS – 1879 a 1890**. Disponível: http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Paulo_Cesar_Borges_Duarte.pdf Acesso em 22/12/2008.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das poéticas tecnológicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- PARENTE, André (Org.). **Imagem Máquina**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- <http://globotv.globo.com/rbs-rs/rbs-noticias/v/predio-do-clube-caixeiral-em-rio-grande-rs-nao-tem-previsao-de-restauracao/3253586/> - vídeo, acesso em: 02/04/2014.
- <http://defender.org.br/noticias/nacional/rio-grande-rs-sem-telhado-clube-caixeiral-aguarda-restauro/>
- http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODE1NzY=& acesso em: 02/04/2014
- <http://www.clicsul.net/portal/sul-telhado-do-clube-caixeiral-de-rio-grande-desabou-neste-sabado-29/> acesso em: 02/04/2014.